

Clarice mulher-escritora-jornalista: múltiplas vozes e uma identidade

Betina Ribeiro Rodrigues da Cunha*

Resumo

Este artigo procura dar visibilidade ao modo como a escritura de Clarice Lispector, como cronista, mas também escritora e mulher, nas décadas de 1950/60, dialoga e articula, no âmbito da sociedade em que se insere, posições ambivalentes de significar a mulher. Ressalta-se, dessa forma, a partir de algumas de suas crônicas reunidas na obra *Correio feminino*, como a questão da mulher é pela autora tratada como uma questão de identidade, processo em que a mulher se reconhece a partir do diálogo entre sentidos – antagônicos, opostos, consoantes, dentre outros. – que estão historicamente em circulação e em disputa na sociedade moderna.

Palavras-chave: Clarice Lispector. *Correio feminino*. Gênero. Identidade. Sociedade.

Escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador. Escrever é também abençoar uma vida que não foi abençoada.

Com essas palavras extraídas de uma das crônicas reunidas em sua obra póstuma – *Correio feminino*, publicada em 2007, pela Editora Rocco –, Clarice Lispector justifica, mais uma vez e com outro olhar, a desafiante sina de escrever, de buscar o indizível ou de se reconhecer nas máscaras e filigranas da palavra contida e ordenada pelas limitações do viver contemporâneo. É também com essas palavras que a escritora parece justificar a tarefa de escrever em jornais e revistas, como a abençoar aqueles que rapidamente buscam compartilhar ou se acrescentar com as outras palavras...

* Professora no Programa de Pós-Graduação em Letras – curso de Mestrado em Teoria Literária, do Instituto de Letras e Linguística (ILEEL) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

C. Lispector, em 1952, aceita o convite de Rubem Braga para escrever uma página feminina no recém-criado periódico de oposição ao governo de Vargas, *Comício*, que, apesar da curta duração, apresentou-lhe uma convivência com outros leitores e com outro ofício. A jornalista Clarice passa, por diversas razões, a vestir o pseudônimo de Teresa Quadros, protegendo-se de um comprometimento de seu nome e da imagem da mulher de diplomata pela assinatura de textos não elaborados.

Em 1959, *Senhor*, revista dirigida por Paulo Francis e outros jornalistas igualmente conhecidos, publica contos de Clarice Lispector, divulgando sua obra para um público maior. Nessa época, a escritora separa-se do marido, depois de um casamento de 15 anos, e volta para o Brasil com os dois filhos. Precisando ganhar a vida, colabora, até 1961, em página feminina do *Correio da Manhã*, na coluna intitulada “Correio feminino – Feira de utilidades”. Aí nasce Helen Palmer, escondendo a outra Clarice Lispector, escritora já conhecida.

Além disso, Clarice desempenha a tarefa, exercida entre 1960/61, de *ghost writer* da atriz Ilka Soares, em uma coluna intitulada “Só para mulheres”, publicada em seis artigos semanais no jornal carioca *Diário da Noite*, então dirigido por Alberto Dines. Foram 291 artigos, seis por semana, que, tratados com profissionalismo e dedicação, chegavam à redação do tabloide com as páginas já montadas e diagramadas, ilustradas com desenhos ou figuras recortadas de

números de revistas estrangeiras do ano anterior. Alberto Dines, diretor do jornal à época, comenta no prefácio de *Correio feminino*: “Não era apenas uma colunista diligente, atenta à sua leitora, mas uma editora caprichosa” (2006).

Dessa maneira, este artigo propõe uma leitura do livro *Correio feminino* de Clarice Lispector, levando-se em consideração as questões de gênero, de vozes e de alteridade, amplamente abordadas pela escritora em seus livros e que, no *Correio*, fazem-se notórias e relevantes à apreciação do leitor.

A obra é composta por microtextos que tratam de assuntos corriqueiros, mas que, na e pela escrita de Clarice, trazem uma discussão em torno do espaço da mulher na modernidade, em torno da identidade e da questão autoral – vale lembrar que Clarice, naquele momento, escrevia sob o pseudônimo da consagrada atriz Ilka Soares. Ali a escritora lança mão, de maneira intuitiva, portanto sem a preocupação de se fazer uma teórica das relações sociais, de teorias femininas de algumas autoras, que fomentarão a discussão e a conclusão da escrita de Lispector dentro da literatura brasileira moderna por meio da obra *Correio Feminino*. Apesar de as crônicas postas na obra terem sido escritas na década de 50 e 60 (período de ruptura pelo feminismo no Brasil), a obra ainda nos dias de hoje tem o poder de questionar as relações entre homens e mulheres, dentro do processo de construção da sociedade em que está inserida.

Nessas crônicas-conselhos, Clarice se esforça para construir, primeiramente, o perfil de uma provável leitora e, em seguida, para que seus escritos tenham receptividade, interlocução e ressonância. Entre conselhos, receitas e segredos – expressão, aliás, muito usada por Clarice em seus títulos de crônicas – são publicados “pequenos textos inofensivos” sobre o comer, o vestir-se, o enfeitar-se, como a lembrar à leitora o mundo social, com suas convenções, normas e padrões de comportamento esperados de uma figura feminina – ainda dona de casa e mãe, mas já sonhadora de uma emancipação. Em outras palavras, os textos de Clarice, mesmo sutilmente, representam uma realidade ambivalente que permeia a vida humana: o mundo do cotidiano, do real e da simulação e o mundo do pensamento, das verdades, da sensibilidade, da natureza das coisas. É interessante passar os olhos em uma prosa fácil, de linguagem simples e acessível, que, com temas aparentemente fúteis, compõe um perfil feminino e social baseado no equilíbrio e na supremacia do comportamento sedutor.

Clarice (2006, p. 95), ao constatar que “outro fator de sedução é a personalidade. Não a personalidade que se impõe aos gritos e com exigências... uma personalidade formada de um pouco de vaidade, um pouco de coqueteria, um pouco de malícia risonha, um pouco de ternura, um pouco de abnegação. E muito, muito de feminilidade”, apresenta, na sua mais dissimulada e contida palavra,

elementos de construção de uma imagem e de um relacionamento. Esses, investidos em critérios e em um retrato de mulher cujos atributos, a capacidade de sedução e a personalidade – frutos de um dos pilares mais instigantes da escritura hermética e intimista de Clarice – passam a garantir a ousadia de uma mulher emancipada, que desenha nas atitudes e instruções aparentemente fáceis de um cotidiano corriqueiro a feminilidade e a personalidade como atributos de investimento pessoal e segurança social. Vale a simplicidade do conselho e a objetividade da lição?

Nessa atmosfera aparentemente simples e carregada de cumplicidade, pode-se delinear um retrato social que, mesmo mascarado por certa familiaridade, deixa entrever um corpo feminino ainda marcado pela exclusão e inferioridade. A abnegação, a ternura encomendada e o exagero de feminilidade – como ensina a articulista – referendam as observações de Mary Del Priori (2000, p. 14) em *Corpo a corpo com a mulher*: “Cristalizada pelas formas de pensar de uma sociedade masculina, a evocação das imagens do corpo e da identidade feminina, na pluma de diferentes autores, apenas refletia subordinação.”

Talvez o reconhecimento implícito e intuitivo dessa subordinação permitisse a condução a outra atmosfera, que, buscando constituir um padrão diferente de feminino e de feminilidade, passa, por meio do olhar de Clarice, a emitir outros juízos e outros conselhos. Aliás,

esses conselhos se estendem em diferentes momentos e em singulares crônicas, sempre buscando conduzir uma leitura da modernidade, plural e ambígua, aliada à questão da própria identidade feminina, que se faz e refaz em constante dinamismo.

Assim, e por esse caminho escritural, Clarice traduz às suas leitoras o que é “ser esclarecida”, mostrando-lhes, quase a simplificar, um conceito moderno das relações afetivas e matrimoniais e insistindo que essa postura só se efetiva na conjugação de duas visões que se encontram, de uma unidade imaginária que só se conforma a partir da alteridade e da conjugação de papéis aparentemente díspares, conforme se lê no fragmento a seguir.

Digo-lhes que “esclarecida” é a mulher que se instrui, que procura acompanhar o ritmo da vida atual, sendo útil dentro do seu campo de ação, fazendo-se respeitar pelo seu próprio valor, que é companheira do homem e não sua escrava, que é mãe e educadora e não boneca mimada a criar outros bonequinhos mimados.¹

Portanto, a autora sintetiza e conduz, quase profeticamente, sua mensagem de mulher, feminista, já emancipada e autora, valendo-se para tanto do uso de um discurso coloquial, mas igualmente autoritário, como o discurso masculino e o discurso das relações sociais – o discurso jornalístico e publicitário, algoz implacável e sem rosto, a ditar comportamentos e transformações. Essa posição de interlocução com a leitura aparece marcada, por exemplo, no seguinte

fragmento: “Você, minha leitora, não limite o seu interesse apenas à arte de embelezar-se, de ser elegante, de atrair os olhares masculinos. A futilidade é fraqueza superada pela mulher esclarecida. E você é uma mulher ‘esclarecida’, não é mesmo?”²

Aqui, em inesperado tom descontraído e amistoso, Clarice apresenta em sua essência um conselho e uma antecipação. Beleza, feminilidade, elegância – compreendidos naturalmente como atributos femininos – não podem ser confundidos ou substituídos pelas sutis e enganosas situações que adjetivam e deixam compreender, inadequadamente, a condição da mulher a partir de futilidades; uma mulher que, na década de 50/60, começa a se (re)conhecer como pessoa, como identidade, como ser de busca e de conquistas, construindo assim uma nova visão do mundo e de si própria.

Tendo apontado um conceito e uma condição de esclarecimento, a jornalista-escritora, colunista por empréstimo, *personae* de outros e de si própria, deixa explícita uma noção de esclarecimento como esboço, capacidade de independência interna, de um pensar coerente, reflexivo e consequente³ que, mesmo aliado à beleza externa, conduz a um retrato harmonioso – passaporte para uma condição social ainda transitória, na qual a mulher não se permite ou não vislumbra a independência moderna e a autonomia como alvos objetivamente alcançáveis, a despeito, inclusive, das convencionalidades arraigadas e cris-

talizadas com as quais os protótipos femininos foram sendo social e historicamente mantidos. Aparecida Maria Nunes (2006 p. 10) observa o seguinte a respeito desses retratos:

[...] apesar do corre-corre e das responsabilidades que a mulher assume com a vida moderna, ela deve continuar a ser mulher para ser admirada. Paradoxalmente, ela não deve permitir que a futilidade roube sua feminilidade e juventude. E para que faça jus a esse tão almejado retrato de mulher deve vigiar os gestos, as palavras e as atitudes.

Essa afirmação conduz à compreensão de um discurso feminino no feminino, deixando entender que a complexa intimidade entre a conselheira-articulista e a submissa-leitora visitada pela pesquisadora (Nunes) desenha a visão de uma mulher ainda incipiente na sua identidade e no seu diálogo com o mundo, submersa nas suas “simples” e fúteis relações mundanas, rápidas e domésticas como é seu cotidiano.

Entretanto, ao se pensar com olhos diacrônicos – e com a necessidade, sempre urgente, de considerar a heterogeneidade do público-leitor de um jornal, a heterogeneidade do público feminino, inclusive –, pode-se pensar, mais detidamente, que a prosa jornalística investe em uma construção e conformação paulatina de sentidos, de identidades e de consistência de um novo perfil de gênero feminino, conduzindo a um processo moderno de independência e autonomia da mulher a partir das “sementes” aparentemente insípidas que se acrescentam, dia a dia, na formação e no estilo temático e escritural da jornalista-articulista.

O cotidiano é sua matéria. O cotidiano é seu arsenal; é, portanto, nesse cotidiano que se formam as metáforas e simbologias que alimentam o universo feminino e moderno. Assim, por exemplo, pode-se ler a crônica “Espelho mágico”, publicada em 28/04/1960 no *Diário da Noite*, na coluna “Nossa conversa”,⁴ de Ilka Soares, transcrita aqui integralmente:

Não é só o espelho da madrasta de Branca de Neve que é mágico. A verdade é que todo espelho tem a mesma magia. Lembram-se da madrasta ruim? Ela pegava no espelho – provavelmente espelhinho da bolsa – e perguntava:

– Quem é mais bela do que eu?

E o espelho respondia. Como qualquer espelho. Não desanime pelo fato de qualquer espelho responder. As respostas não são ruins, são informativas. E de você mesma depende o uso das informações.

Só que a pergunta da rainha não cabe. E nem importa. Você não há de perguntar “quem é mais bela do que eu”. O melhor é perguntar ao espelho: “Como posso ficar mais bela do que eu?”

Eis os ingredientes para um espelho mágico: 1) um espelho propriamente dito, de preferência daqueles de corpo inteiro; 2) você mesma diante do espelho; 3) coragem.

Só porque falei em coragem, aposto que você está se preparando para a idéia de descobrir alguma coisa amedrontadora. Não é isso. Coragem para se ver, em vez de se imaginar. Só depois de se enxergar realmente, é que você poderá começar a se imaginar. E, sem mesmo sentir, começará algum plano cujo objetivo secreto é o de atingir o que você imaginou.

Mas lembre-se: a imaginação só nos serve quando baseada na realidade. Seu “material de trabalho” é a realidade a respeito de você mesma.

Não vou lhe dizer o que você deve fazer para melhorar de aparência. Não tenho a preten-

são de ensinar peixe a nadar. E só uma coisa é que você não sabe: que você sabe nadar. Quero dizer, se você tiver confiança em você mesma, descobrirá que sabe muito mais do que pensa. Mas, de qualquer modo, estarei aqui para ajudar a você a não esquecer que sabe.

Inicialmente, chamam a atenção dois fatos interessantes. O primeiro refere-se à cumplicidade escondida no título da coluna “Só para mulheres”, que já convida a uma atmosfera de convivência e íntima descontração, em seguida referendada e confirmada pelo segundo título, indicando a seção “Nossa conversa”. Cria-se um ar de *conversa de comadres*, amigas íntimas e confidentes, cuja proximidade estabelece um clima humanizador, acessível e cotidiano, deixando a articulista – Ilka/Clarice – tão simples e tão familiar como a uma vizinha de apartamento. A atriz se aproxima de sua leitora e, em última análise, ratifica a cada dia um contrato de parceria mútua, como a confirmar também que os destinos femininos se cruzam e se confundem, justificando a proximidade e a identificação que se constrói e se alimenta pela relação com a coluna e com os temas nela vivenciados.

Por outro lado, o espelho, seja em Guimarães Rosa, seja em Machado de Assis, ou em Cecília Meirelles, representa a grande metáfora da identidade humana, vestindo uma série de relações ou características que se fundem na produção do imaginário humano. Ler “Ilka Soares” já é, de início, uma forma de identificação que se sustenta no reconhecimento de

uma figura feminina exponencial: bela vedete, atriz consagrada, de belo corpo, belos olhos, inteligente e sensível que se deixa reconhecer, dialogicamente, pelo discurso pressupostamente compartilhado em uma crônica de jornal, em um “espelho” social, criando, em consequência, uma imagem universal e esteticamente compromissada com um padrão, igualmente universalizante, de mulher, de beleza, de felicidade e de existência.

Compreende-se, neste momento, a força dessa crônica-conselho que, remetendo a questão da identidade a um dado aparentemente simples – o espelho da rainha má em *Branca de Neve* e ao conto de fadas –, reconhecido e cristalizado desde a infância, desde a conformação inconsciente dos arquétipos e padrões culturais, configura, com um discurso intimista, solidificado pela realidade real e concretizado pelos dados banalizadores do cotidiano (espelhinho de bolsa, espelho de corpo inteiro, etc.), um novo patamar substantivo para esse espelho. A magia do objeto – do símbolo de reconhecimento de si próprio e de identidade bem-sucedida! – sofre um processo de transferência, determinando, por conseguinte, uma nova magia. Agora quem se responde bonita (a mais bonita!) é aquela que se olha no espelho, dando-se a verdadeira medida de um eu renovado pela identidade vislumbrada em si próprio, não mais no outro que a vê ou a reconhece.

Trata-se da magia gestada e construída internamente, que acaba por

corresponder à assunção de um novo parâmetro de existência individual e individualizada pela conformação que se acumula e se esboça constantemente ao se propor um novo padrão de legitimidade do eu. Progressivamente – e os textos seguintes, também de forma induzida, assim apontam –, verifica-se a possibilidade de abandono dos antigos e falidos paradigmas sociais e culturais, e a abertura a novas referências realizadas a partir de uma confrontação com o cotidiano e com as escolhas e prerrogativas delas decorrentes. Essa mulher, cujo “material de trabalho” é a realidade a respeito de você mesma (si mesma), tece um retrato, ainda nebuloso, de uma nova e insegura figura feminina, confiante, entretanto, na sua capacidade de promover mudança e de se reconhecer agente de seu próprio destino. Nesse momento, a conclusão desse contrato, firmado entre Ilka-Clarice e a leitora-mulher – “[...] se você tiver confiança em você mesma, descobrirá que sabe muito mais do que pensa. Mas, de qualquer modo, estarei aqui para ajudar a você a não esquecer que sabe” (2006, p. 38) – referenda uma nova perspectiva, na qual a beleza deixa de ser um atributo primeiro e que aposta na confiança e na coragem como características instauradoras não só de uma reflexão autoconsciente, mas também de um novo perfil feminino, de um novo perfil social, em última análise. Nesse aspecto, cabe lembrar Octávio Ianni ao prefaciá-la Cristina Costa, em *A imagem da mulher* (2002, p. 15).

Em última instância, as figuras e figurações da mulher e do homem não se explicam apenas pela dialética da identidade e alteridade, mas também e necessariamente pela dialética, diversidade e desigualdade, reciprocidade e antagonismo, integração e contradição. Mas não simplesmente nesses termos, em abstrato; e sim na trama das relações sociais, no jogo das forças sociais.

Essa mulher, que acata o conselho e busca na sua confiança e coragem uma possibilidade de colorir de outros tons sua figuração e personalidade femininas, acaba por apostar nas relações sociais como forma de aceder e assumir outros valores e outras condições, pelos quais se constrói, em consequência, um jogo social dialético e ambíguo, de identidades desveladas e mascaradas, de forças equilibradas e, ao mesmo tempo, desiguais, de ameaças e antagonismos. É nesse momento que a mulher começa, timidamente é verdade, a buscar um espaço externo e, ao mesmo tempo, garantir uma atmosfera agradável, acolhedora e harmoniosa dentro de casa como “rainha do lar”. O “espelho mágico”, dessa forma, passa a espelhar, paradoxalmente, uma figura feminina que necessita da dialética e da duplicidade para sobreviver a uma inegável e urgente busca de identidade e de inserção no mundo moderno. Acomodação e equilíbrio; eis os pilares para a construção de um projeto de “sedução” inovador para os moldes femininos e moderno para a condição socioeconômica cultural da década em questão.

A dialética feminino/masculino ou, por outros parâmetros, exterior/inte-

rior, autonomia/dominação, identidade/alteridade é substituída por outro olhar, também significativo e caracterizador de uma nova vivência, assim explicitada por Lipovetsky em *A era do vazio* (1983, p. 2): “A sedução: uma lógica que abre caminho, que nada poupa e que, deste modo, realiza uma socialização flexível, tolerante, empenhada na personalização-psicologização do indivíduo.”

Há que se pensar, nesse momento, a necessidade de reconhecer em Clarice e na sua obra um caráter visionário e antecipatório das conjunções socioculturais da modernidade. A articulista, nessa obra, escrita em meados da década de 1960 e aqui superficialmente anotada, reflete intuitiva e profundamente sobre a sedução, seus domínios, suas armas e sua capacidade de influenciar comportamentos. Por outro lado, somente duas décadas depois os sociólogos, em especial Lipovetsky, ao teorizar sobre o mundo pós-moderno, iriam atentar para o poder e para a atmosfera de sedução, apontando questões que a escritora-jornalista já prenunciara em suas crônicas duas décadas antes. Ao se pensar mais detidamente sobre esse aspecto, pode-se, inclusive, suspeitar que a sedução deixa de ser um atributo da configuração sensual da mulher para ser um ingrediente cultural de comportamento social – não mais restrito a um objetivo de conquista ou atração ou exposição, mas, sim, de acesso a outras possibilidades de sentido e representação social. O feminino, antes de ser notado como uma característica

do gênero, passa a ser encarado como comportamento e prerrogativa sociais, determinando uma experiência de vida e de discurso.

Nesse aspecto, podem-se reconhecer ainda a força e a essência implícitas na epígrafe. Ao confessar a seu leitor que “escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador. Escrever é também abençoar uma vida que não foi abençoada”, Clarice abençoa a mulher e sua relação com o mundo, reconhecendo e conferindo-lhe uma condição possível de emancipação intelectual, cultural e afetiva, e, finalmente, garantindo a essa mulher uma suficiência a ser buscada pelas escolhas, pelas afinidades e acréscimos que solidificam a imagem feminina, renovando-a de/com sentidos essenciais.

Por outro lado, Clarice, ao se ocultar sob o pseudônimo de Ilka Soares e sob a objetividade da linguagem jornalística, leve e descontraída, devolve à sua leitora e ao seu anônimo público uma garantia do seu esforço concreto de apagamento de um eu individual em primazia de um eu coletivo, que traduza as muitas e dinâmicas faces desse universo em transição e ao mesmo tempo totalizante de experiências ambíguas, mas direcionadas para o novo e para o universal que a escritora já antevê em sua vida retalhada pelo cotidiano alçoz. Não se trata mais de apresentar uma Clarice-escritora-jornalista-mulher-mãe-trabalhadora

mas, sim, a mulher mãe-trabalhadora, a mulher-agente que se alimenta dessa troca e desse lugar plural, sensível, efetivamente social e cultural, no qual o discurso das identidades passa a reificar o discurso das ações e das conquistas a serem cumuladas no interior e no percurso que constitui a realidade a ser vivida.

Em última análise, e tentando interromper as observações aqui alinhavadas, vale lembrar que Clarice Ilka acabam por conceber, de forma intuitiva, a ditadura de uma identidade sem face e sem destino, que se prevalece da condição coletiva em detrimento de projetos individuais de construção de sentido e de formas de representação. O “espelho mágico” da rainha má continua a não espelhar a mais bela, a mais serena ou a mais harmoniosa. Ao contrário, espelha a não imagem – caleidoscópio de fragmentos díspares, frágeis e heterogêneos, costurados com as linhas da sedução e da realidade cotidiana. Um projeto sempre inalcançável de reconhecimento, valoração e apaziguamento das oposições identitárias, sensíveis e culturais que permeiam a instauração do universo feminino e suas consequências sociais.

Clarice woman-writer-journalist: questions of voices and identity

Abstract

Esse artigo procura dar visibilidade ao modo como a escritura de Clarice Lispector enquanto cronista, nas décadas de 1950/60, articula, no âmbito da sociedade em que se insere, posições ambivalentes de significar a mulher. Ressalta-se, dessa forma, a partir de algumas de suas crônicas reunidas na obra *Correio feminino*, como a questão da mulher é pela autora tratada como uma questão de identidade, processo em que a mulher se reconhece a partir de sentidos – antagônicos, opostos, consoantes etc. – que estão historicamente em circulação e em disputa na sociedade moderna.

Key words: Clarice Lispector. *Correio feminino*. Gender. Identity. Society.

Notas

- ¹ LISPECTOR, Clarice. Uma mulher esclarecida. In: *Correio feminino*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006. p. 18.
- ² LISPECTOR, Clarice. Uma mulher esclarecida. In: *Correio feminino*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006. p. 18.
- ³ Nesse momento pode-se inferir que o conceito de esclarecimento ao qual Clarice Lispector faz alusão vai ao encontro daquele proposto por T. W. Adorno e M. Horkheimer e que faz parte do conjunto de sua obra, conforme explicita Luiz A. Calmon Nabuco Lastória em *Educação e Sociedade*, Campinas - SP, v. 22, n. 76, out. 2001. A definição de “esclarecimento” é tomada de empréstimo de Kant. E, de acordo com Kant, o termo significa a saída do homem de sua menoridade, isto é, o homem já devendo ser capaz de se servir do próprio entendimento sem a direção ou tutela de outrem. Ainda de acordo com Kant, pode-se dizer que uma tal atitude nada mais seria do que o entendimento dirigido pela própria razão, tomada em sua utilização prática, de modo a propiciar o comportamento moral autônomo dos homens em sociedade.
- ⁴ “Nossa conversa” constitui uma das seções fixas da coluna “Só para mulheres” do *Diário da Noite*. Em alguns momentos, os textos escritos para tal seção eram introduzidos por subtítulos; em outros, não (NUNES, 2006, p. 154).

Referências

COSTA, Cristina. *A imagem da mulher: um estudo de arte brasileira*. Rio de Janeiro: Senac Rio, 2002.

DEL PRIORI, Mary. *Corpo a corpo com a mulher*. 2. ed. São Paulo: Senac, 2000.

IANNI, Octávio. As figuras da mulher. In: COSTA, Cristina. *A imagem da mulher: um estudo de arte brasileira*. Rio de Janeiro: Senac Rio, 2002.

LASTÓRIA, Luiz A. Calmon Nabuco. Texto. *Educação e Sociedade*, Campinas - SP, v. 22, n. 76, p. 54, out. 2001.

LEFEBVRE, Henri. *Espaço e política*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2008.

LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio*. Barueri - SP: Manole, 2005.

LISPECTOR, Clarice. *Correio feminino*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

_____. *Só para mulheres*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

NUNES, Aparecida Maria. *Clarice Lispector jornalista*. São Paulo: Senac, 2006.